

Mídia impressa e exposição da face: os casos de pedidos de desculpas

R. D. O. Couto¹ & C. E. F. Pedrosa²

¹ Acadêmica em Letras pela UFS e Bolsista PIBIC/FAPITEC 2008/2009

² Departamento de Letras, Universidade Federal de Sergipe

robertadayne@bol.com.br

(Recebido em 30 de outubro de 2009; aceito em 30 de novembro de 2009)

Este artigo se apresenta como recorte da pesquisa *Mídia impressa e exposição da face: os casos de pedidos de desculpas* e tem como objetivo analisar os pedidos de desculpas como práticas sociais e discursivas perante as convenções de polidez estudadas no campo da Pragmática. O trabalho consistiu em discussões acerca do aparato teórico, dentre eles os Atos de Fala, que trata a comunicação lingüística como produtora de efeitos e de alteração comunicativa, e na coleta dos erros editoriais e seus respectivos pedidos de desculpas de variadas revistas. A análise aponta o uso da linguagem para as relações sociais e a dificuldade que as Instituições têm de retratar e assumir suas falhas.

Palavras-chave: Pedidos de desculpas; Práticas sociais; Práticas discursivas,.

This article presents as larger survey *Printed media and exposure of the face: the cases of apologies* and analyzes the apologies as social and discursive practices before the conventions of politeness studied in the field of pragmatics. The work consisted of discussions about the theoretical background, among them the Speech Acts, which deals with linguistic communication as producing effects of and communicative changes, and the collection of editorial errors and their apologies for various magazines. The analysis shows that use of language for social relations and the difficulty that institutions have to portray their failures and take.

Keywords: Apologies, Social practices, Discursive practices.

1. INTRODUÇÃO

Os pedidos de desculpas são uma ação pela qual o locutor tenta obter de seu destinatário a remissão por um injúrio pelo qual é, de certa maneira, responsável. O que se verifica é que esses pedidos se alteram conforme o evento comunicativo em que os interlocutores estão inseridos. O apontamento dessas ocorrências em mídia impressa mostra que há uma procura por recursos lingüísticos, sociais e discursivos para mitigar sua “face”. Deste modo, este projeto abarca a intenção de identificar tais recursos que por ora são utilizados pelos locutores/editores para minimizar os equívocos cometidos, na tentativa de assegurar as instituições como detentoras do poder e isentas dos erros apontados. A investigação busca suporte teórico na relação entre a Pragmática e a Análise Crítica do Discurso (ACD).

Inserida na proposta de estudo, a polidez é um dos aspectos de análise do texto. Conforme algumas teorias, as regras de polidez tanto incorporam quanto reconhecem relações sociais de poder. Na atualidade, o estudo da polidez faz referência ao campo que nomeamos de Pragmática. Este campo aponta para a relação signo-usuários (Morris apud Silva, 2005), estabelecendo elementos lingüísticos e contextuais. “a questão do significado lingüístico é considerado como função do enunciador e do reconhecimento desta intenção pelo ouvinte” (Silva, 2005, p. 03), assim, identifica um ouvinte ativo, na verdade, um interlocutor.

A Teoria dos Atos de Fala tem como berço a Filosofia da Linguagem (Kock, 2000) e foi desenvolvida por filósofos, cujos nomes podemos destacar dois: Austin e Searle. A obra do primeiro “Quando dizer é fazer” (How to do things with words) torna-se a certidão de nascimento dos Atos de Fala. O segundo, Searle, é destacado como o porta-voz dessa nova perspectiva da linguagem. Em seu livro “Os Actos de Fala” afirma que toda comunicação

lingüística envolve actos lingüísticos. A unidade da comunicação lingüística não é, como se tem geralmente suposto, o símbolo, a palavra, ou a frase, ou mesmo a ocorrência símbolo, palavra ou sentença na execução do acto de fala.

Os atos de fala se referem a um ato particular, seja de ordem, seja de pergunta, seja de promessa, entre outros, assim, ele procura produzir um certo efeito e também uma alteração da situação interlocutiva.

Em relação aos pedidos de desculpas, objeto desta pesquisa, Searle os classifica como expressivos em meio a sua classificação (assertivos, diretivos, promissivos, e expressivos), pois expressa estado psicológico do falante em relação a estado de coisas explicitado pelo conteúdo proposicional. É um ato de natureza ritualística, dedicado ao exercício da polidez, definido por Kerbrat-Orecchioni (2005, p. 140). A esses rituais se associam o estudo das 'faces'. As positivas são representadas pelo conjunto das imagens valorizadas que os interlocutores constroem para si e tentam passar na interação. As negativas são concebidas pelo conjunto dos territórios do eu, seja corporal, temporal ou de bens materiais ou simbólicos. Assim, nessa base teórica, os atos verbais ou não-verbais, podem se transformar em ameaças potenciais a uma ou outra face, são os chamados "Atos ameaçadores da face" (FTAs – Face Threatening Acts).

"Ao enunciar, o sujeito leva em conta uma espécie de ritual social da linguagem que está implícito e é partilhado pelos interlocutores" (Silva, 2005, p. 03). Iremos, nesta investigação, acompanhar o ritual social que marca o pedido de desculpas na mídia impressa.

2. A PRAGMÁTICA E OS ATOS DE FALA

A utilização da terminologia Pragmática como ramo da lingüística iniciou-se com Charles Morris, em 1938, significando o estudo da linguagem em uso. Rudolf Carnap, que trabalhara com Morris em Chicago, definiu-a como sendo a relação entre a linguagem e seus falantes. Evoluiu, depois, para uma compreensão mais filosófica, como prática social, que estuda a significação lingüística consoante a interação existente entre quem fala e quem ouve, do contexto da fala, os elementos sócio-culturais em uso e, também, dos objetivos, efeitos e conseqüências desse uso.

A temática central da Pragmática é a de estratégia- regularidade externa dada por uma competência comunicativa. A gramática profunda da Pragmática não é gramática profunda da Lingüística, porque em Pragmática são pertinentes estratégias ao invés de regras. Nesta ocasião existe a operação com um modelo triangular: o raciocinar não é determinado por sua relação com o real, mas pela intermediação de um conceito, dessa maneira o toque pragmático dado à racionalidade implica que as estratégias sejam encaradas como se estivessem se relacionando aos valores.

A competência discursiva como um mecanismo gerativo no paradigma da gramática transformacional é vista como competência de produção. Ao contrário, uma competência pragmática é uma competência de compreensão. Wittgenstein (apud Silva, 2005) sustenta que na vida e na língua de todos os dias a compreensão funciona ora como interpretação, ora como explicação, ora como tradução. A compreensão para Wittgenstein é uma habilidade extrínseca, não é uma operação puramente psicológica, mas uma operação-no-mundo.

A Pragmática pressupõe o sujeito em discurso. Em razão dessa atitude reage contra o estruturalismo lingüístico, onde a subjetividade é afastada da língua para a fala, não passível de domínio teórico. Esta reação se volta também contra a gramática gerativa de Chomsky, na qual o falante-ouvinte ideal não é sujeito que fala, mas uma mente que se identifica com a estrutura do cérebro. Benveniste (apud Silva, 2005) além de reintroduzir a subjetividade como uma categoria operacional, reintroduz a atenção sobre a dêixis (pessoa, tempo, espaço), no universo do funcionamento do discurso como demonstração (pronomes, demonstrativos), argumentação e persuasão.

Os aspectos pragmáticos são estudados minimamente pelo filósofo Charles Sanders Peirce, um dos precursores da Semiótica. Segundo ele, o funcionamento do signo envolve aquilo que o signo representa e aquele para quem o signo representa algo; a partir daí entra em cena o usuário do signo. Após, Morris e Carnap propõem a tripartição da Semiótica em sintaxe, semântica e pragmática. A Pragmática passa então a analisar a dimensão pragmática da semiose, a maneira

pela qual o signo expressa seu usuário, se opondo à semântica, que estuda a maneira como o signo denota seu objeto.

Através das variadas abordagens sobre esta corrente, a Pragmática, inserida no campo da lingüística, estuda a linguagem e o contexto do seu uso durante a comunicação. Responsável por analisar os significados lingüísticos deduzidos a partir de um contexto extra-lingüístico, seja ele discursivo ou situacional, encontra-se além da construção da frase, esta estudada na sintaxe, ou do seu significado, estudado pela semântica. Assim, a Pragmática estuda essencialmente as intenções da comunicação.

Partindo da premissa lingüística e nela introduzida, a polidez é analisada conforme seu funcionamento nas interações verbais, instância correspondente ao reconhecimento da importância do nível da relação interpessoal. Esse componente da pragmática lingüística cedeu lugar, recentemente, aos múltiplos estudos tanto teóricos quanto descritivos; nesta ocasião o que se verifica é o lugar que a polidez ocupa e que papel é capaz de desempenhar nas interações cotidianas como também de descrever o conjunto dos procedimentos postos e seu funcionamento para preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal (Charaudeau & Maingueneau, 2006).

As concepções acerca da polidez passam de Lakoff à Grice. O primeiro propõe um acréscimo nas teorias das máximas conversacionais do segundo, o princípio do “Seja polido”, detalhado em três regras: a *Formalidade* (Não se imponha, mantenha distância), a *Hesitação* (Deixe a escolha para seu interlocutor) e a *Camaradagem* (Aja como se você e seu parceiro fossem iguais, deixe-o à vontade). Após, Goffman se baseia nas noções de território e de face, inspirando os teóricos Brown e Levinson a criarem o modelo B-L, que renovam as concepções do ato de linguagem e passam a dividir a noção da face em duas: a “face positiva” e a “face negativa”. Na verdade, acontece que os atos que somos levados a produzir na interação são, para a maioria, de alguma forma “ameaçadores” de uma e/ou de outra face dos interlocutores presentes, são *Face Threatening Acts* ou FTAs. Os participantes têm um desejo de face (face-want); por isso as faces são contraditoriamente alvo de ameaças permanentes e objetos de um desejo de preservação. Os componentes resolvem essa contradição. Segundo Goffman (apud Charaudeau & Maingueneau, 2006), durante a realização de um “trabalho de figuração” (face-work), termo que designa tudo o que uma pessoa empenha para que suas ações não façam ninguém perder a face, nem mesmo ela própria; para Brown e Levinson (apud Charaudeau & Maingueneau, 2006) essa contradição se revelaria pela implementação de diversas estratégias de polidez que, para a maioria, se reduzem a processos de atenuação dos FTAs, surgindo a polidez como um meio de conciliar o desejo mútuo de preservação das faces com o fato de que a maioria dos atos de linguagem são potencialmente ameaçadores de qualquer uma dessas faces.

A teoria dos atos de fala foi elaborada inicialmente por John L. Austin (1911-1960) e desenvolvida posteriormente por J.R. Searle. Austin parte da teoria pragmática de Wittgenstein de que é o uso das palavras em diferentes interações lingüísticas que determina o seu sentido. Esse sentido, porém, não se reduz apenas ao das proposições declarativas do tipo: “a bolsa é amarela”. Consoante Wittgenstein, dependendo do jogo de linguagem, o sentido de uma proposição pode mudar. Por isso, é necessário investigar os diversos tipos de enunciados que, diferentemente do exemplo acima, não são uma mera comprovação de coisas. Ao investigar essa questão, Austin descobre que algumas sentenças são na verdade ações. Ou melhor, que dizer é fazer, na medida em que, ao proferir algo, estou simultaneamente realizando uma ação. Vários são os tipos de ações que podemos realizar ao dizer algo.

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de apontar as principais características que compõem as estratégias discursivas, duas conjunturas seriam necessárias: os pedidos de desculpas dos editores em respostas a cartas dos leitores que marcam os enganos ou erros de edições anteriores e a retratação dos próprios editores por erros em outras edições. Para tal foram coletados os erros das edições das mais variadas revistas. Foi discutido e admitido que não nos delimitaríamos a revistas nem a jornais, tampouco às revistas específicas, pois o interesse é apanhar informações que atendam o objetivo proposto.

Orientados pela metodologia, levantamos a coleta de material a partir das seguintes revistas:

Quadro I: Relação das revistas consultadas:

Revistas	Edições	Localização dos erros apontados
Revista Carta Capital	3 edições	Pg. 73
Revista Época	8 edições	Pg. 22
Revista Galileu	7 edições	Pg. 11, 81
Revista Isto É	2 edições	Pg. 14
Revista Nova Escola	8 edições	Pg. 12
Revista Psique	1 edição	Pg. 81
Revista Super Interessante	8 edições	Pg. 13
Revista Tudo	1 edição	Pg. 64
Revista Veja	10 edições	Pg. 31

Através desses materiais, abordaremos as questões referentes às estratégias discursivas. A intenção é apontar os erros relacionando-os ao consolidado pelo aparato teórico.

Verifica-se que a página onde aparecem os erros, sejam eles retratados pelos editores ou pelos próprios leitores, é sempre no início ou no fim da revista, e os equívocos e os pedidos de desculpas situam-se taticamente numa área de difícil localização. Na maioria das revistas os erros são apontados na página das cartas dos leitores e postos numa margem de visualização difícil: à esquerda. As sessões em que estão esses pedidos de desculpas recebem títulos menos formais, de maneira que possam minimizar a sua “face”, a exemplo: **FOI MAL** e **SUPER equívoco**, revista Super Interessante, e **FOMOS MAL** da revista Época.

Assim como o agradecimento, o pedido de desculpa se caracteriza pela natureza exclusivamente “ritual”, pois se dedica ao exercício da polidez. Para Searle: “Agradecer é, simplesmente, exprimir gratidão” (1972 apud Kerbrat-Orecchioni, 2005):

(1): Agradeço a você por X

(1’): Sou-lhe grato por X

Da mesma forma se comporta o pedido de desculpa e o sentimento de contrição:

(2) Peço desculpas por X

(2’) Sinto muito por X

É em virtude dessa equivalência que Searle inclui o agradecimento e os pedidos de desculpas na categoria dos **expressivos** (conjunto de atos que consiste em exprimir um estado psicológico do locutor diante de um estado de coisas especificando o conteúdo proposicional). Se essas ocorrências, (1’) e (2’), podem de fato se comportar como agradecimento e um pedido de desculpa, respectivamente, também é válido dizer que nem sempre admitem as mesmas possibilidades de encadeamento que (1) e (2), nem as mesmas condições de emprego. As expressões podem se comportar como “desolação” sem, no entanto, se desculpar. Vejamos:

“Ao exprimir sua consideração às famílias das vítimas, o diretor do estabelecimento não pensou que devesse lhes prestar suas desculpas” (France Inter, 2 set. 1999, apud Kerbrat-Orecchioni, 2005)

“O secretário de Estado dos EUA lamentou a perda do piloto chinês”. (Libération, 5 abr. 2001, p.10 apud Kerbrat-Orecchioni, 2005)

Essas formas performativas conservam sempre o mesmo valor, enquanto o enunciado “Sinto muito” (2’) só tem valor de desculpas quando é pronunciado por alguém que é, por alguma razão, responsável pelo estado de coisas que está lastimando. Isto é, a fórmula é polissêmica, traduzindo um arrependimento (no caso da responsabilidade do locutor) ou uma simples absolvição enfática em caso de não-responsabilidade desse mesmo locutor.

No material de análise os pedidos de desculpas ocorreram da seguinte forma:

Exemplos:

1

SUPER equívoco

☉ Ao contrário do que publicamos na matéria **DIABETE, O NOVO MAL DO SÉCULO** (edição extra de setembro, pág. 42), o excesso de cetonas no sangue pode levar a uma condição grave conhecida como cetoacidose – que tem por conseqüência o coma diabético.

Revista SUPER INTERESSANTE

Edição 181, OUTUBRO 2002

2

FOMOS MAL

- *O sobrenome de Padre Jonas é Abib, e não “Adib”, como publicado na reportagem “O arcebispo da era digital” (472/2007).*
- *O nome da base americana Outlaw foi grafado como “Outlow” na página 30 da edição 472.*

Revista Época

Nº. 473 – 11 de Junho de 2007

3

CORREÇÕES: *A seção Radar (31 de outubro), equivocadamente, citou o hospital Albert Einstein como tendo sido descredenciado pela Sul América. Na verdade, o hospital em questão é o Sírío Libanês. A Sul América informa que as partes já estão renegociando o recredenciamento.*

Revista Veja Edição 1725 - ano 34 - nº. 44

7 de novembro de 2001

4

CORREÇÃO: *Por equívoco do governo de Minas Gerais, a foto que aparece na reportagem “Bê-á-bá nota 10” (5 de dezembro) é da escola Dom João Antônio Pimenta, e não da escola Francisco Sá*

Revista Veja Edição 2038 – ano 40 – nº. 49

12 de dezembro de 2007

A retratação dos editores por erros em outras edições respalda a dificuldade que o quarto poder tem de se retratar e assumir suas falhas. As expressões: “Ao contrário do que publicamos”, “(...) *como publicado na reportagem*”, “(...) *foi grafado*”, “*A seção Radar, equivocadamente, citou...*”, “*Por equívoco do governo de Minas Gerais, a foto que aparece na reportagem...*”; se apresentam de maneira repetitiva para fazer as correções de forma que anule a falha editorial, criando um espaço de impessoalidade. Também se observa o uso de eufemismos como: “*equivocadamente*”, “*por equívoco*”; essas ocorrências demonstram que em nenhum momento os editores das revistas afirmam que ERRARAM, por essa razão empregam sempre expressões mitigadoras da face. Vê-se ainda que a disposição dos erros pelos editores se apresentam de maneira indireta, ratificada nos exemplos 3 e 4.

Ainda:

5

MENSAGENS DO ALÉM

O espiritismo não foi criado por Allan Kardec e sim codificado por ele.

L. E. T., Goiânia, GO.

Allan Kardec não cometeu suicídio, como pregam algumas igrejas pentecostais munidas de sensacionalismo e desprovidas de qualquer senso racional.

J. R. O., São Paulo, SP

É errado dizer “os espíritas acreditam ser desnecessário o vínculo com Deus”. Segundo o espiritismo, Deus é um dos princípios do universo e dele herdamos o germe da perfeição e da consciência.

M. V. M., via internet

S *A frase provocou muita polêmica entre os leitores. A intenção da SUPER foi apresentar o espiritismo como uma crença que não precisa de rituais e intermediários para afirmar o vínculo de cada um com Deus.*

Revista SUPER INTERESSANTE
Edição 181, OUTUBRO 2002

6

Altman, Bolt e Cia.

Primeiro, gostaria de parabenizar a revista Carta Capital pelo número 500 e pelos 499 anteriores. Privilégio para nós, leitores. Segundo, bem amistosamente, tenho um (re)toque: a errata III (ed. 500), muito criativa em “Perdidos nas estepes da nossa ignorância” continua se confundindo; Robert Bolt ganhou o Oscar e o Globo de Ouro pelo roteiro adaptado de Doutor Jivago, em 1996. O diretor desse filmão foi David Lean.

ERRATA DA ERRATA

O leitor está certo.

Revista Carta Capital
ANO XIV Nº. 501
25 de Junho de 2008

Na primeira ocorrência entendemos o uso da palavra “intenção” como solução do problema, aqui o erro editorial, para atender ao leitor de maneira menos formal, de forma que não atinja a sua “face”; já na segunda o editor se mostra disposto a consentir a informação do leitor de maneira direta, seguindo a mesma perspectiva. A busca e a análise dos materiais ratificam as estratégias de polidez admitidas pelos responsáveis da edição.

4. CONCLUSÕES

O uso da linguagem nas relações sociais confirma a dificuldade que as Instituições têm de retratar e assumir seus erros. Os pedidos se alteram conforme o evento comunicativo em que os interlocutores estão inseridos, por isso a procura por recursos lingüísticos, sociais e discursivos são por demais recorrentes para mitigar a “face”, no caso da pesquisa, o da mídia.

As páginas onde se encontram os erros apontados são situadas estrategicamente para que o leitor não os perceba com facilidade. Os editores procuram de uma maneira eufêmica ou indireta, reparar os erros cometidos em edições anteriores. Como artifício, também se utilizam de expressões lingüísticas oriundas de uma linguagem mais informal para atingir o objetivo central: o de minimizar sua “face”. Além disso, estabelecem elementos lingüísticos e contextuais para que exista um espaço de impessoalidade.

-
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- _____. *El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales*. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel (eds.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 179-203.
- KERBRAT-ORECHINONI. *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. Niterói: EduFF, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A Inter – ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2000.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Termos-chave da Análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- PEDRO, Emília R. *Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos*. In: _____. (org.). *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminho, 1998a, p. 19- 46.
- SEARLE, John R. *Os actos de fala*. Coimbra: livraria Almedina, 1984.
- SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso*. Rio de Janeiro: Enilivros, 2005
- WODAK, Ruth. *De qué trata el análisis crítico del discurso. Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos*. In: _____.; MEYER, Michel (orgs.). *Métodos de Análisis Crítico del Discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 17-34.